**HM-II\_ Luiz Marcelo Rodrigues Silva \_ ET 01 N°USP:11913392**

 **Raynor – A origem da opera**

 A opera teve origem da monodia dramática, um estilo que encontrou espaço no período barroco e foi algo bem inovador.

 Uma simplificação tradicional atribui a criação da opera aos encontros dos Camerata, que era um clube de artistas que para discutir seus problemas e que tinham uma notável distinção de intelecto e artístico. A simplificação foi feita pois, a opera evoluiu a partir de variadas causas que os cameratas repudiavam com desdém.

 Os Cameratas era contra as músicas das épocas anteriores, pois elas devoravam palavras para seus próprios fins e transmitir todos os tipos de coisas – as emoções predispostas no compositor pelo texto, a atmosfera geral criada pelo texto e a situação dramática – mas não podia transmitir palavras de maneira clara e distinta, de modo que a própria música, causassem seu próprio efeito no ouvinte.

Por toda a História inicial, a opera em Roma era diferente da ópera palaciana em qualquer lugar da Itália. A opera palaciana pretendia ser a manifestação de grandeza e glória do patrocinador que a apresentasse; A opera em Roma destinava-se a uma condução a moralidade. Fora de Roma a produção visual valia tanto como a música, já em Roma não, eles pensavam que muito aspecto visual tirava o foco da qualidade musical.

 Em 1600 a ópera firmou-se como forma especialmente apropriada para comemorações aristocráticas.

 Foi a opera que deu a Itália a sua forma dramática popular. Antes da Opera o teatro dramático italiano não era evoluído e nem popular. A opera é o teatro italiano popular porque revelou um estilo dramático que, satisfazendo o público e as exigências artísticas, calca-se em versos apropriados a melodias bastante próximas do cancioneiro popular, sem perder, o contato com o seu passado.

 O grande interesse do público pela opera em fins do século XVIII permitiu ao compositor de sucesso viver independente de qualquer compromisso oficial.

 A opera italiana tornou-se um prazer musical universal, sem rival em parte alguma até em 1971, quando Mozart produziu a flauta mágica.